



Ponto Urbe

Revista do núcleo de antropologia urbana da USP

10 | 2012
Ponto Urbe 10

Encontros e desencontros

Uma etnografia das relações entre gays em boates GLS de Belém, Pará
*Get Togethers and Split – Aparts: An ethnography of the relationships between
gays in clubs GLS of Belém, Pará*

Ramon Pereira dos Reis



Edição electrónica

URL: <http://journals.openedition.org/pontourbe/218>
DOI: 10.4000/pontourbe.218
ISSN: 1981-3341

Editora

Núcleo de Antropologia Urbana da Universidade de São Paulo

Edição impressa

Data de publicação: 1 Julho 2012

Refêrencia eletrónica

Ramon Pereira dos Reis, « Encontros e desencontros », *Ponto Urbe* [Online], 10 | 2012, posto online no dia 16 abril 2014, consultado o 20 abril 2019. URL : <http://journals.openedition.org/pontourbe/218> ; DOI : 10.4000/pontourbe.218

Este documento foi criado de forma automática no dia 20 Abril 2019.

© NAU

Encontros e desencontros

Uma etnografia das relações entre gays em boates GLS de Belém, Pará

Get Togethers and Split – Aparts: An ethnography of the relationships between gays in clubs GLS of Belém, Pará

Ramon Pereira dos Reis

AUTHOR'S NOTE

Este artigo é resultado de minha pesquisa de mestrado intitulada Encontros e Desencontros: uma etnografia das relações entre homens homossexuais em espaços de sociabilidade homossexual de Belém, Pará, defendida no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal do Pará, sob orientação da Professora Doutora Cristina Donza Cancela e financiada pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES.

Introdução - Situando a pesquisa

- 1 Neste artigo procuro trazer à baila a problematização das relações homoeróticas (pensando na produção de sujeitos desejáveis) entre gays em duas boates GLS¹ de Belém – *Lux* e *Malícia* –, e as intersecções entre os marcadores sociais de gênero, classe e idade / geração. Em outras palavras, a intenção é compreender como são construídas as interações entre gays nos espaços mencionados, dando ênfase ao processo de seleção de parceiros.
- 2 Porque a escolha da *Lux* e do *Malícia*? Antes de responder a este questionamento, preciso fazer um sucinto histórico de ambas. A inauguração da boate *Lux* ocorre em meados de 2006, situando-se no bairro do Reduto, especificamente na travessa Rui Barbosa, entre as ruas Municipalidade e Gaspar Viana. Até meados de 2008 ela foi a boate de destaque da noite gay belemense. Em janeiro de 2011, por conta do término do contrato, ela mudou de

endereço e passou a dividir espaço com bares, restaurantes e boates de predominância heterossexual, num dos cruzamentos mais badalados da noite de Belém: entre a avenida Senador Lemos e a travessa Almirante Wandenkolk, atraindo consigo um público de gays jovens (de 18 a 20 anos), afeminados e de classes populares (média baixa/baixa), num espaço bem menor se comparado a antiga localização.

- 3 Em agosto de 2008, inaugurava a boate *Malícia*, com a proposta de trazer um diferencial na noite, a começar pelo valor da entrada² e pelo uso do que na época seria algo novo em Belém, mas que hoje já se “popularizou”, que são as comandas. Outros fatores significativos que a distinguiam da Lux seriam: a não circulação de travestis no local, a frequência de um público de gays mais velhos (de 30 a 40 anos), menos afeminados e de classe média/média alta. Cabe notar que tanto na Lux quanto no Malícia o número de lésbicas que circulavam no local era bastante inferior se comparado a presença de gays.³ A boate ainda continua localizada no mesmo endereço: travessa Rui Barbosa, entre as ruas Manoel Barata e Vinte e Oito de Setembro.
- 4 Depreende-se que o bairro do reduto (mapa 1) desde a sua origem, por conta de sua função e localização, tem desempenhado um importante papel na interação entre os sujeitos, no que concerne tanto ao desenvolvimento da atividade mercantil como também ao aumento do número de estabelecimento comerciais: lojas de roupa, shopping, supermercados, fato este que fez com que a cidade de Belém pudesse crescer no sentido beira do rio – centro, alargando, de tal modo, a dinâmica de mercado produtor do reduto para os demais bairros.⁴ Na geografia sócio-espacial de Belém, o bairro do Umarizal (mapa 2) seria representado como o novo espaço da classe média/média alta da capital, possuindo o metro quadrado mais caro. É importante frisar que tanto Reduto quanto Umarizal estariam em destaque quando se pensa em diversão e badalação na noite tanto heterossexual quanto homossexual, de acordo com as pessoas que conversei.
- 5 Volto então à pergunta feita inicialmente sobre a escolha de Lux e Malícia e três pontos foram levados em conta: fácil acesso, constante frequência do pesquisador e pelas diferenças de gênero, classe e geração. Nas conversas informais, inúmeras vezes ouvi que a Lux seria um local frequentado por “bichas pererecas”, “bichas pão com ovo”, “bichas poc-poc”, “bichas pintosas”, “bichas alegóricas”, “bichas new generation”, enquanto que o Malícia reuniria as “bichas finas”, “bichas que fazem carão”, “bichas estilosas”, “bichas fashionistas”, “bichas barbies”, “monas ocó”, “bichas barrocas”. Diante dos mais variados termos êmicos, a ideia é pensar de que maneira eles interferem na dinâmica construtiva das relações homoeróticas e como se produz sujeitos e desejos nos espaços em questão. Centrarei minhas análises nas relações entre “bichas finas” e “bichas pererecas”, “bichas pintosas” e “monas ocó” e, por fim, “bichas barrocas” e “bichas new generation”.
- 6 Para além das dicotomias entre namorar ou ficar, a importância do tema está no fato de mostrar como os espaços das boates não são meramente para divertimento e sociabilidade, eles ainda continuam a “formar” gays para a vida noturna e para a busca por parceiros; arriscaria afirmar que quatro são os momentos emblemáticos da relação indivíduo – boate, lembrando que eles se inter-relacionam: 1º momento > aceitação da boate GLS como espaço de aprendizado da homossociabilidade <-> 2º momento > busca por relacionamentos homoeróticos nas boates GLS <-> 3º momento > reconhecimento de outros espaços de sociabilidade, que não GLS <-> 4º momento > “recusa” das boates GLS como “único” espaço de homossociabilidade e de busca por parceiros.

*O campo: agruras e benesses
Oi tudo bom?*

*Ele curte o quê?
Ele é ativo ou passivo?*

Nossa! Ele é tão “feminino”!⁵

- 7 As perguntas e a afirmação acima se tornaram uma constante desde o ano de 2005 (período em que comecei a frequentar alguns lugares com predominância do público homossexual – gays e lésbicas -, intitulados pela maioria dos frequentadores como GLS – Gays, Lésbicas e Simpatizantes). Desde 2005, levando em conta a duração desta pesquisa de campo (de agosto de 2010 até agosto de 2011), minha vida social tem sido bastante intensa nesses lugares (bares e boates), assim como em outros espaços de sociabilidade associados à homossexualidade, em Belém: festas, paradas da diversidade sexual, mostras de filme LGBT (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgêneros) etc.
- 8 Facilidades, dificuldades, percalços, surpresas, ou o que mais se queira mencionar, acompanharam-me durante todo o trabalho de campo. Deparei-se em situações de desconforto em que não tinha a mínima vontade de ir pesquisar, achava tudo muito monótono e chato, a rotina das leituras e da pesquisa me consumiram várias vezes. Junta-se a isso a ausência de dinheiro em alguns momentos, pois pesquisar sem capital financeiro em boates, GLS ou não, não é tão favorável àquele que não possui a confiança do proprietário para que este possa, ao menos, liberar a entrada; sem dinheiro não há como entrar (a não ser que o nome esteja na lista ou que tenha cortesia), não dá para consumir bebidas ou alimentos.
- 9 Uma das coisas mais difíceis pela quais me deparei foi com a ingestão de bebida alcoólica; nos primeiros momentos dentro da boate haveria um grau de sobriedade e responsabilidade bastante elevados, sendo quebrado logo após a aceitação de uma cerveja / caipirinha / drink, oferecida por amigos e que, quase sempre, estão próximos e segurando algum copo. Com o passar das horas eu acabava bebendo além do que devia e me esquecia do que realmente deveria fazer. Lembrei do que Da Matta (1978) menciona sobre o caráter existencial da pesquisa de campo, envolto pela insinuação das emoções e sentimentos do pesquisador na sua comutação e mediação com o grupo pesquisado; seria, de fato, o que me constituiria, acima de qualquer posição de pesquisador, enquanto pessoa que reconhece uma série de códigos,⁶ mas que, a todo o momento, procura estranhar⁷ tal realidade. Não poderia deixar de mencionar a importante presença de um grande amigo e excelente pesquisador Milton Ribeiro durante toda a pesquisa de campo; nossa parceria e diálogo foram fundamentais para a construção desta pesquisa. As conversas, os olhares aguçados, as cutucadas e as trocas de impressões, enriqueceram nossas chegadas, estadas e saídas das boates.
- 10 “Tá fazendo pesquisa num lugar desses por quê?”; “Aqui não é lugar de pesquisa! Você tá perdendo o seu tempo!”; ainda hoje me sinto incomodado quando ouço, mesmo que em tom de brincadeira, falas como essas. Concernente ao que foi levantado no parágrafo anterior e a estes questionamentos, comecei a pensar e refletir a cerca da ética⁸ e da responsabilidade do pesquisador: Até que ponto Lux e Malícia não seriam lugares para a pesquisa científica? Há um comportamento padrão ao pesquisador? O que fazer para não

ser descredibilizado por aqueles que você espera entrevistar? Foram perguntas que me perseguiram e que persistem até os dias atuais.

- 11 Uma pesquisa de campo não estaria completa se não houvesse surpresas. Como as incursões a campo se davam sempre à noite, havia um misto de medo e insegurança : a noite traz consigo muitas incógnitas e nunca sabemos o que ela nos reserva. Acompanhado por amigos ou caminhando sozinho, algumas vezes ocorreram ridicularizações, principalmente, por homens que passavam de carro gritando jocosamente: “Ê, viado!”, “E aí, bonita?” Tais atitudes se tornaram quase comuns no trajeto: casa – lux / malícia – casa.
- 12 De ônibus ou a pé o medo foi um companheiro constante: o medo de ser violentado e assaltado pairava sobre o meu semblante quando eu passava por ruas escuras, praças onde circulavam “malacos”⁹. Nos casos em que eu estive a pé meus passos eram tão rápidos que eu cruzava calçadas e estabelecimentos em uma fração de segundos, sem contar nos documentos pessoais, celular e dinheiro que eram muito bem “trucados”¹⁰. Em uma das noites de pesquisa em que Milton e eu saíamos da Lux e caminhávamos em direção ao supermercado Líder, localizado em uma das avenidas mais movimentadas e badaladas de Belém, Avenida Visconde de Souza Franco (conhecida popularmente como Doca), no intuito de comer alguma coisa, como de costume depois de uma noite cansativa. Por volta de 05h45, nas proximidades do supermercado, fomos abordados por dois “malacos” armados que gritavam pedindo pelos nossos celulares. Milton foi se esquivando até conseguir escapar, enquanto eu fiquei estático, até que eles foram se aproximando, e sob os berros de um deles eu dei o celular e eles foram embora. Fiquei atônito com tudo que havia acontecido. Seguimos em direção ao supermercado, comemos e depois fomos para a parada de ônibus. Este fato aconteceu uma única vez durante nossas incursões.
- 13 Posso dizer que pude unir o útil ao agradável no período em que pesquisei. Eu me sentia muito bem na Lux e na Malícia, me diverti inúmeras vezes com os frequentadores. Dentre as facilidades, elenco aqui a boa recepção que tive por parte dos proprietários no que se refere à disponibilidade de tempo para conceder entrevistas, bem como a atitude simpática dos frequentadores quando sabiam que eu estava fazendo pesquisa.

Trânsitos na noite... a busca por um parceiro ideal

- 14 Este tópico abre as discussões sobre a movimentação dos sujeitos e suas relações homoeróticas nos espaços da Lux e do Malícia. Durante as etnografias noturnas pude perceber o intenso trânsito homoerótico dos indivíduos de um lugar para o outro na mesma noite e em busca de um parceiro ideal, o que chamei de trânsito homoerótico. As palavras de um dos entrevistados é bastante elucidativa: **“Somos partes de um grande laboratório... Estamos sempre transitando de um lugar para o outro em busca de conhecer, ver, observar e saber das pessoas”** (Abner, 34 anos). O que, de fato, é semelhante tanto na Lux quanto no Malícia é o hábito de ficar,¹¹ tornando-se recorrente no discurso dos frequentadores no final da festa: “E aí! Ficou com alguém essa noite?” Além disso, é importante pensar nos dois espaços como iniciadores de uma homosociabilidade¹². Sobre esta questão segue abaixo um pequeno trecho da entrevista de Abner:

Ramon: O que você tem a dizer sobre a Lux e o Malícia?

Abner: Eu acho que são locais importantes de sociabilidade, inclusive. O que me chama, também, atenção na Lux, por ser um espaço muito frequentado por jovens

gays, é um espaço de sociabilidades de primeiras experiências, intensamente vividas, já que nos espaço Lux você vai encontrar todos os micro-espacos que precisam ser experienciados por um iniciante gay: você vai encontrar dark room, você vai encontrar o espaço dos espetáculo, as performances, você vai encontrar a própria pista de dança, você vai encontrar o barman, você vai encontrar os dançarinos, que são chamados de GO GO Boys, você vai encontrar travestis, você vai encontrar concursos, você vai encontrar homens mais velhos bem posicionados, em situações mais confortáveis e que acabam chamando a atenção desses garotos, desses jovens gays que ainda não estão em uma posição estabelecida, então ali você vê um misto de coisas acontecendo ao mesmo tempo, que é fascinante para qualquer pesquisador, pra qualquer observador mais atento. O espaço da Lux seria um espaço de iniciação? Sim. Eu considero.

Ramon: Mas o espaço do Malícia não seria um espaço de iniciação, também?

Abner: Sim. Sim. Também. Existem algumas situações, já no Malícia que eu percebo esses jovens iniciantes, no mundo gay, sofrendo restrições: valores para entrar no espaço, o ingresso ao espaço é um valor mais significativo, a própria estadia no espaço, a manutenção. Ao entrar no Malícia você recebe uma comanda, um mapa de consumo e, a cada consumo aquele mapa é marcado, grifado, e ao sair você precisa passar no caixa e realizar o pagamento. Então, para esses iniciantes é mais caro, obviamente. É mais difícil. O fator econômico, sem dúvida nenhuma, é um fator que restringe, e no Malícia eu percebo, inclusive, no meu ponto de vista, uma preocupação dos proprietários em manter essa restrição... Já na Lux, não. Você vê que está aberto, realmente. Os valores são, muito mais, simbólicos; eles estão, muito mais, preocupados, talvez, como eu já ouvi, com a quantidade, se não com essa suposta qualidade de público, e acaba se tornando um espaço muito mais livre.

- 15 Não obstante a ideia de um aprendizado da homosociabilidade nos dois lugares, a fala de Abner nos mostra como a diferença¹³ afasta e aproxima os indivíduos. Enquanto que na Lux há uma suposta ideia de liberação sexual, onde se poderia fazer de tudo, o proprietário da boate Malícia deixa bem claro o seu posicionamento: **“Eu reconheço as classes, eu reconheço as tribos, eu reconheço os movimentos, eu respeito todos os movimentos... Todo público é bem vindo, desde que você pague e saiba se comportar...”** (Proprietário do Malícia). Outras diferenças se materializam nos corpos e no manejo de bens materiais, por exemplo: o uso de acessórios, perucas e roupas do vestuário feminino e o não uso de Iphone, roupas de grife e carro, por parte dos frequentadores da Lux; o inverso corresponderia ao perfil dos frequentadores do Malícia. Por fim, como fator diferenciativo das casas, há na Lux a circulação de travestis, transexuais, *crossdressers*, por conta dos shows de *drag queen* e dos concursos de beleza, enquanto que no Malícia não há presença de travestis, transexuais e *crossdressers* e nem de show de *drag's* ou de concursos. Segue abaixo uma tabela explicativa:

Tabela 1 – Representação dos espaços e das relações na Lux e no Malícia

Lux	Malícia
“Bagaceira”	Ambiente “fino”
Consumidores de produtos populares	Consumidores de grifes
“Bichas pererecas”	“Bichas finas”
“Bichas pintosas”	“Monas ocó”

“Bichas new generation”	“Bichas barrocas”
-------------------------	-------------------

Fonte: Pesquisa de campo, 2010/2011.

- 16 O lugar que tais representações e relações ocupam na dinâmica da busca por parceiros é refletida nos movimentos, itinerantes, dos indivíduos. Concernente às relações homoeróticas entre gays, eles estariam menos dispostos a subverter posições de identidades fixas (no caso do trânsito homoerótico) e mais interessados em passar de uma boate a outra em busca de parceiros que se encaixem nos perfis para ficar, namorar ou transar; falarei sobre estes três termos mais adiante. Insistindo, ainda mais na questão levantada, corroboro com o pensamento de que não só em Belém, assim como no Brasil há uma “territorialidade itinerante que não se subscreve a uma fixitude residual” (PERLONGHER, 2005 [1987], p. 274). Assim, “os significados assumidos pelos lugares – e por consequência o estabelecimento de fronteiras – não são nunca “puros”, mas sempre construídos em conexão” (França, 2010).
- 17 A noção de território itinerante parece borrar a geografia espacial da cidade de Belém, não que o “gueto” não seja importante para situarmos a discussão dentro de uma perspectiva histórica com dimensões políticas e culturais,¹⁴ mas o território itinerante procura fazer emergir movimentos de agrupamentos e reagrupamentos em espaços de predominância homossexual e heterossexual, seria uma forma de estabelecimento que eu chamei de “gueto gay itinerante”.¹⁵
- 18 Ratificando a proposta do trabalho, não procuramos de nenhum modo deter as análises em dicotomias do tipo: ficar ou namorar? Enquanto método de análise propomos uma *etnografia da intimidade*¹⁶, referindo-se ao íntimo das parcerias homoeróticas, como uma antropologia do olhar, das insinuações, do chegar perto, de tudo aquilo que possa indicar um comportamento de aproximação.
- 19 Pensando sobre a movimentação dos sujeitos nos espaços das boates, a antropóloga Carmem Dora Guimarães (2004), num estudo realizado na década de 70, chama atenção para a existência de padrões de comportamento dentro das boates: “a regra da boate é não dançar ‘agarrado’ (mesmo se os pares dançam separadamente) e não permitir ‘transação’ de sexo ou demonstrações de afeto no local” (*ibid.*, p. 83). Guardadas as devidas proporções de cada pesquisa e procurando fazer analogia com o contexto de Belém, é interessante pensar que ainda hoje a cena atual se confirma como semelhante, em algum aspecto, àquela da década de 70. Partindo desta ideia, de uma possível “regra comportamental” dos indivíduos dentro das boates, haveria uma padronização de gays pensados como mais interessantes para quem quer fazer sexo, namorar ou ficar. Em um dado período, esses lugares funcionariam como “laboratórios de experimentação da sexualidade” (PAIVA, 2007b, p. 38).
- 20 Pensando na representação das relações homoeróticas na Lux e no Malícia, como então se produziriam discursos sobre o desejo e sujeitos desejáveis em meio às mais variadas falas e práticas? Um gay interessante para sexo: no fala dos “passivos” seriam aqueles que possuem pênis grande e que são viris; na fala dos “ativos”: seriam os afeminados, que se deixariam dominar e ser penetrados. Para ficar: os que mais se destacam são aqueles que não são afeminados, não usam roupas e acessórios do vestuário feminino, jovens, com um tipo físico “em forma” ou “sarado”. Para namorar: sujeitos independentes financeiramente, que possuam estabilidade familiar e profissional, não sendo

preponderantes critérios de beleza; geralmente, em casos de namoro, as faixas etárias se aproximam (22-24 anos / 27-30 anos), quando isso não acontece a busca é sempre por alguém mais velho na condição de que sejam “coroas enxutas”. Nesse sentido, diferentemente dos homens heterossexuais de cabelos grisalhos e com rugas que comporia um padrão estético de caráter e sucesso, no meio feminino; no caso do público gay, “aqueles gays mais velhos que não tenham sucesso profissional e que não possuam atributos físicos, como um corpo sarado e uma aparência jovial [os ditos ‘coroas enxutas’], por exemplo, seriam considerados ‘repulsivos’” (SIMÕES, 2004, p. 418, grifo meu).

- 21 Lux e Malícia enquanto espaços que aglutinam grande número de gays solteiros podem ser ambientes não convidativos àqueles que se sentem “casados” / compromissados. Como apontou Paiva (2007a, 2007b), a lógica dos “casados” não seria equivalente aquela das boates, por serem “lugares para quem está solteiro”. O que ratifica esse pensamento é que, geralmente, quem as frequenta são pessoas solteiras e, por conta disso há um trânsito homoerótico intenso, posicionando a “imagem da homossexualidade masculina dentro de um mercado de intercâmbios sexuais onde há apenas ‘trocas de orgasmo por orgasmo’” (POLLAK, 1986, p. 59).
- 22 Ao acionarmos o marcador de classe e cruzarmos com a construção das relações homoeróticas, somos direcionados a um campo de forças, de acusações e de disputas. Quais seriam as representações feitas em torno da figura da “bicha fina” e da “bicha perereca”? As “bichas finas” seriam: de classe média / média alta, com alto grau de escolaridade, domiciliadas em bairros centrais, consumidores de produtos de marcas renomadas e, reconhecidamente, caros; Do lado oposto estariam as “bichas pererecas”: de uma classe social inferior (pobres), com baixo grau de escolaridade, moradores de áreas periféricas, consumidores de produtos populares.
- 23 Pensando no que isso pode interferir na dinâmica das relações, basta olhar para como os lugares são representados e cruzá-los com os marcadores de classe e gênero. Dito de outra maneira, a produção de sujeitos desejáveis na Lux têm íntima relação com a figura do gay mais feminino e “perereca” e no Malícia com o gay mais masculino e “fino”, lembrando que nesse caso, especificamente, “perereca” e “fino” são sinônimos de promíscuo e espalhafatoso, e sofisticado e discreto, respectivamente. Nesta economia do desejo, as “bichas pererecas” e “bichas pintosas” são, na maioria das vezes, alijadas de processos de inclusão seja afetivo, sexual ou social, não se constituindo enquanto parceiros em potencial.¹⁷
- 24 Para alguns frequentadores, é preciso que se delimitem posições, que não haja dúvida com relação à identidade, tal como na fala de um dos entrevistados: “**nascemos com o sexo definido... Mulher é mulher, homem é homem**” (Demétrio, 47 anos). Nesse sentido, as aproximações se dariam num grau de maior ou menor interesse, onde os gays que aparentam ser mais viris e menos espalhafatosos chamariam mais a atenção (são mais atraentes para um relacionamento) e, conseqüentemente, seriam mais interessantes em contraposição aos afeminados, que não despertariam tanto interesse e tampouco desejo.
- 25 Simões, França e Macedo (2010), em um estudo realizado em espaços de sociabilidade juvenil reconhecidos como homossexuais e heterossexuais na região do centro histórico da cidade de São Paulo, dando ênfase à Avenida Vieira de Carvalho por ser um espaço onde há constante fluxo de gays, observaram que:

[...] os tipos que parecem mais masculinos, mais discretos e menos espalhafatosos tendem a ser os mais desejados. Assim, é possível observar uma contenção dos

rapazes de performance mais feminina quando se engajam efetivamente na paquera e no esforço de atrair alguém que lhes tenha despertado interesse ou lhes dirija a atenção (SIMÕES, FRANÇA e MACEDO, 2010, p. 53).

- 26 Ao que parece, tanto na pesquisa acima quanto nesta, o caráter visibilidade / invisibilidade (PAIVA, 2007a, 2007b) é significativo quando analisamos o posicionamento dos sujeitos afeminados, por exemplo, quando performatizam a identidade de gênero a partir da posituação do comportamento dada pelo outro, ou seja, para que possa haver aproximação de um homossexual de performance de gênero “masculina” com outro de performance de gênero “feminina”, é preciso que o “feminino” “camufle” / oculte este posicionamento e “atue” de forma “masculina” para que ambos estejam equiparados e o grupo de amigos não “os gongue”¹⁸.
- 27 A categoria analítica do “armário” proposta pela poeta, crítica literária e professora Eve Sedgwick (2007) nos traz um apontamento interessante sobre o regime de regulação da vida de gays ao problematizar a questão do armário. Na releitura que o sociólogo peruano Giancarlo Cornejo (2010) faz de um ensaio de Eve Sedgwick intitulado “How to bring your kids up gay” (1993 [2007]) a partir de sua própria vivência- Giancarlo enquanto menino afeminado -, ele corrobora com a autora quando ela propõe que a figura do menino afeminado concentra com particular virulência a patologização da homossexualidade. Ao contar do sofrimento e angústia que passou na infância por conta dos momentos de segredo e, mais adiante, de revelação da homossexualidade, é interessante notar como a constituição do sujeito enquanto afeminado implica no seu próprio apagamento (Sedgwick, 1993 [2007]), é como se a cultura agisse num processo de desvanecimento (Cornejo, 2010).
- 28 O “armário” funciona como um dispositivo de regulação da vida de gays e de lésbicas, mas não só destes indivíduos. Enquanto característica que está associada tanto às relações individuais quanto sociais, o “armário” aparece em diversos momentos da vida de gays, por meio de vontades, interesses e pressões sociais. No caso das relações entre gays, esta categoria nos leva a pensar que dentro do universo de Lux e Malícia as interações podem ser facilitadas ou dificultadas pela forma de visibilização das identidades de gênero, isto é, os indivíduos em curtos períodos de tempo movimentariam “saídas ou não saídas dos mais diversos armários”, corporificando suas relações não apenas por interesses individuais e do outro, bem como para afirmação de identidades de gênero com relação ao grupo.
- 29 Apesar de Sedgwick não deter suas análises aos espaços GLS, estendendo a categoria do “armário” em relação às demais formas de sociabilidade, heterossexual e homossexual, quando voltamos nosso olhar à realidade local fica nítido como o fato de sair ou não do “armário” articula as mais variadas relações, sejam elas afetivo-sexuais ou sociais. O aspecto visível / invisível, por vezes, agencia as posições dos sujeitos, dependendo do espaço onde estejam, ressaltando que tanto na Lux quanto no Malícia os marcadores de gênero, classe e geração são acionados para atrair ou recusar possíveis pretendentes.
- 30 Poderíamos nos perguntar: onde estaria o marcador de “raça” / cor? Ele não está presente nas relações dentro da Lux e do Malícia? De fato, ele aparece, porém não opera na construção das relações homoeróticas, ele não interfere na busca por parceiros. O artigo de Alan Ribeiro (2010) intitulado “No meio e misturado: o moreno como identificação de cor entre estudantes de uma escola pública”, no qual analisa a construção da categoria social do moreno a partir das falas de estudantes de uma escola pública de Belém, indica que não há a construção de um discurso sobre a negritude, “sendo no (a)

‘moreno (a)’ que o ‘pardo’ ganha força e vários tons de pele. Ser moreno, em Belém, é, sobretudo, não usar o preto, não usar o negro.” (*ibid.*, p. 69). A Professora Mônica Conrado no ano de 2007, em uma palestra proferida no Dia Nacional de Combate ao Racismo nas dependências do Laboratório de Antropologia da UFPA, havia apontado que

[...] a classificação segundo a cor é um interdito social no contexto de Belém, isto é, quando escapa de branco, como diz o ditado: “preto é”. Para essa autora, se autotransclassificar ou imputar a alguém qualquer tonalidade de cor que escape do branco é correr o risco de escurecê-la, segundo o lugar social em que se encontra o indivíduo. Ser preto ou ser chamado de *preto* causa depreciação em sentido absoluto. Preto ou negro é xingamento em muitos contextos, pois imprime uma marca indelével, sem possibilidade de se enquadrar como uma categoria relacional e contextual (RIBEIRO, 2010).

- 31 Penso que no contexto das duas boates pesquisadas há, de fato, um interdito quando os sujeitos são questionados se a cor interfere ou não nas aproximações ou afastamentos de parceiros. Além disso, pela maioria dos frequentadores e entrevistados se autodeclararem “morenos” ou “pardos”, o marcador de “raça” / cor é “camuflado” e não ganha força se comparado a gênero, classe e geração.

Entre “pererecas”, “finas”, “pintosas”, “monas ocó”, “barrocas” e “new generation”: algumas falas

- 32 As colocações dos entrevistados nos mostram algumas diferenças entre o comportamento de gays mais femininos e gays mais masculinos, desencadeando diversas questões: o escândalo, o olhar opressor da sociedade contra os afeminados, a “não relação” entre gays mais femininos e gays mais masculinos, comportamentos “normais” *versus* comportamentos “anormais”, “feminilidade natural” *versus* “feminilidade forçada”, produção de diferenças sociais de classe e de idade / geração.
- 33 Ao pontuar algumas falas pude perceber o quão é importante zelar por uma imagem padrão dentro da sociedade, pois existe um padrão de aceitação que rege as sociabilidades: não se vestir com acessórios e roupas femininas; saber entrar e sair; não se escandalizar; dar-se o respeito; não chamar tanta atenção; não falar fino; não ser uma pessoa alegórica; não pintar e / ou alisar o cabelo; não andar cheio de anéis; não ter unha grande e pintada; não usar roupa apertada.¹⁹ Seguem abaixo as colocações de Helano (25 anos) e Valentim (23 anos) que exemplificam o que acabei de mencionar.

Ramon: Com relação às características físicas, quais te destacam enquanto um gay masculino?

Helano: Eu não uso tinta no cabelo, eu não ando com o cabelo alisado, eu não ando cheio de anéis, minha unha não é grande, pintada, eu não uso roupa apertada, aquelas extremamente apertadas e muito coloridas, cintos e mais cintos e cordões e alegorias, eu não sou uma pessoa alegórica! E... Não é se vestir bem ou se vestir mal, mas é se valer de alegorias, eu não ando assim, não tenho aquele miado na voz: “E aí?” Aquelas coisinhas na voz, eu não tenho. Então todas essas coisas me qualificam enquanto um gay masculino.

Ramon: Como você lida com o comportamento de gays mais femininos e gays mais masculinos?

Valentim: Têm pessoas afeminadas que são afeminadas, mas elas se comportam de uma maneira que elas não precisam, tipo assim, elas não se escandalizam. Agora tem gays afeminados que se escandalizam, querem se vestir diferente, botar um negócio diferente, uma bolsa diferente. Não é que ela seja inferior (referindo-se aos

gays afeminados que não se escandalizam), aquilo é o jeito dela, ela foi criada para usar aquilo...

- 34 “Se dar o respeito”; “Saber entrar e sair”; “Eu não sou uma pessoa alegórica!”; “Não se escandalizar”; todas essas falas confirmam a produção de diferenças dentro e fora da Lux e do Malícia. Alguns posicionamentos são bastante fixos e essencialistas, frases como: “nascemos com o sexo definido!”; “mulher é mulher, homem é homem!”; continuam a ecoar nas conversas, nos bares, nas boates, da capital paraense, a exemplo da fala de Demétrio (47 anos):

Ramon: Como você lida com o comportamento de gays mais femininos e gays mais masculinos?

Demétrio: Como é que eu posso te colocar... Eu não concordo, mas eu respeito, porque eu acho que nós nascemos com o sexo definido.

Ramon: Você não concorda com o quê, exatamente?

Demétrio: Com afeminação. Com afeminação eu não concordo. Mulher é mulher e homem é homem, eu digo assim...

Ramon: Mais essa afeminação está ligada a quê?

Demétrio: Corporal mesmo! Tipo assim... O cara quer ser uma mulher, é isso que eu não concordo muito, mas respeito... Não vejo isso com bons olhos.

Uma das principais preocupações dos entrevistados com relação ao fato de ser homossexual diz respeito ao posicionamento do indivíduo em sociedade. Para a maioria deles, a sociedade lança um olhar opressor sobre o gay afeminado, como mostra Valentim (23anos):

Ramon: Você se acha mais masculino, mais feminino? Por quê?

Valentim: Nenhum dos dois. Tipo, hoje eu estou conversando contigo aqui e, como eu sei que você é gay, eu estou super à vontade, mas depende muito do lugar onde eu esteja. Se eu tivesse num outro lugar conversando com dois héteros, eu ia ficar mais retraído...

Ramon: Se fosse uma mulher que tivesse te entrevistando?

Valentim: Eu não ia deixar uma mulher me entrevistar. Eu não sei. Se ela fosse lésbica, talvez. Eu acho que ia ter um pouco de impasse pra responder algumas coisas. Em relação aquilo (mais masculino, mais feminino), eu tenho medo de ficar afeminado ao longo dos tempos.

Ramon: Tem medo de quê?

Valentim: Querendo ou não eu tenho a minha concepção, só que a sociedade tem um olhar repressor contra o afeminado, e eu tenho medo por conta disso. Pretendo manter esse meu jeito assim... Digamos que nenhum nem outro, na minha, tipo, eu estou bem, na minha.

- 35 Quando se pensa nesse olhar repressor que a sociedade lança sobre os gays, principalmente sobre os mais afeminados, é muito comum relacionar essa questão aos comportamentos “normais” versus comportamentos “anormais”, ou visto de outra maneira a partir de uma suposta feminilidade “natural” e feminilidade “forçada”. A própria sociedade reafirma o discurso sobre o homossexual aceitável. O exercício de reafirmação / constituição / normatização / inscrição é repassado pelos demais.
- 36 As relações homoeróticas são interferidas, de maneira negativa, por conta de performances mais femininas, como na frase emblemática de Demétrio (47 anos): “gosto de homens e não de pessoas afeminadas”.²⁰ Dizer que gosta de homem, basicamente, implica marcar uma “posição de diferença / exterioridade / alteridade com relação ao universo dos sujeitos que fazem sexo com sujeitos classificados como masculinos” (OLIVEIRA, 2006, p. 44). Os trabalhos de Fry (1982), França (2010) nos mostram que tanto nas relações afetivo-sexuais entre gays quanto entre lésbicas Facchini (2008) estão presentes relações generalizadas de poder: *bicha - passivo - feminino / bofe - ativo -*

masculino / sapatão - ativa - masculina / lady - passiva - feminina. A prática sexual é construída e confirmada através de uma lógica entre “dominantes” e “dominados”

- 37 Poder consumir marcas e saber como consumi-las é um dos grandes diferenciais quando lidamos com o marcador social de classe. Depois de longas observações pude constatar que a diferença entre “bichas finas” e “bichas pererecas” é sustentada pelo poder de consumo e pelo manejo que se faz dos bens materiais.²¹ Muito se nota a formação de *grupos de status*: A e B, C e D, como nota Abner (34 anos): “Usar aquela grife, usar aquela etiqueta, é você fazer parte daquele grupo, então a grife também acaba ajudando nesses processos de classificação e distinção entre eles...”
- 38 Dentro da Lux e do Malícia, mas muito mais no Malícia, é importante parecer possuidor de bens materiais de alto valor, parecer que pode consumir bebidas caras, parecer que possui alto grau de escolaridade, parecer descolado e reconhecido pelos demais como alguém influente e bem posicionado na sociedade paraense; seriam atitudes aceitáveis. Vejamos então como se posicionam os proprietários da Lux e do Malícia:
- Ramon:** O que você pensa sobre as diferenças de público existentes na Lux e no Malícia?
- Proprietário do Malícia:** Em primeiro lugar eu não gosto de diferenciar público, eu não gosto de diferenciar pessoas, por mais que elas sejam diferentes. Já chegaram várias vezes pra mim: “Ah! Na Lux só tem as pererecas, a Lux só tem as emos, na Lux todo mundo entra sem pagar... No Malícia são as bicudas, que eles falam, as sofisticadas... Ah! Eu não vou no Malícia porque só é bicha do carão, eu vou na Lux porque eu me sinto melhor...” A gente tem que respeitar, por mais que você seja simples, que você seja pobre, que você seja rica, que você seja classe A, eu não diferencio o público, o mesmo tratamento que eu dou para uma pessoa que tem um nível altíssimo é o mesmo tratamento que eu dou para uma pessoa mais simples...
- Proprietário da Lux:** Eu vou te dar a minha visão de empresário. Eu quero te falar que eu tenho o melhor público, dez vezes melhor que o dele (do proprietário do Malícia). Vou te explicar porque, vou te dar só um exemplo: aqui, por exemplo, o público que vem pra cá me liga com antecedência pra reservar e o povo que vai lá (Malícia) são aquelas bichas que querem dizer que são ricas, mas passam a noite inteira com um copo de água...
- 39 Independente das tensões existentes no posicionamento dos proprietários existe um ponto que não fica tão explícito nas falas, que é a ideia de que na Lux haveria maior liberdade de expressão das identidades e das performances, enquanto que no Malícia haveria maior “controle” dos comportamentos dos gays: pensando que o indivíduo tem que “saber se comportar” e dos olhares repreensivos sobre os frequentadores, principalmente aqueles mais femininos e espalhafatosos, causando assim “repulsa” por parte destes em entrar num lugar desta natureza, como é o Malícia. A associação da Lux com as “bichas pererecas” e “pintosas” é favorecida pelo preço popular e pelas apresentações de concursos de beleza e shows de *drag queens*, atraindo travestis, transexuais e praticantes de *crossdressing*. O que para alguns entrevistados “traria maior feminilidade para o local”.
- 40 Outro fator que acentua as diferenciações sociais entre Lux e Malícia, diz respeito, muitas vezes, ao que é publicado nas mídias e redes sociais, como aponta Felício (28 anos):
- Ramon:** O que você tem a dizer sobre a diferença de classe existente na Lux e no Malícia?

Felício: Eu tenho nojo... Porque a galera que vai pro Malícia, vai pro Malícia porque os colunistas sociais divulgam nas suas colunas: “Ah! Porque o Malícia é reduto de jornalistas, é reduto de formadores de opinião...” Assim como a GO! foi no começo, assim como a Lux foi no começo, o que detonou a história da Lux foi a festa sexta bagaço, cobrando R\$5,00 e tal, o público da Lux era um público de A, era um público bacana, dava pra cobrar R\$30,00... E o que a gente vê hoje?... Quando você conhece os bastidores da noite, você acaba se decepcionando com muita coisa que você não queria saber, enfim... Antes o Malícia falava muito da Lux por conta de cortesia, hoje o Malícia faz a mesma coisa, faz lista, listas infinitas de nomes até tal hora... Um ponto deve ser levantado em se tratando de casas noturnas em Belém, seja destinada ao público homossexual ou heterossexual, ouvi de maneira recorrente por parte de proprietários e de frequentadores que as boates, em Belém, tem prazo de validade, não podendo se prolongar por mais de dois anos, sob o risco de se tornar monótona e esvaziada.

- 41 O componente etário / geracional das relações estabelecidas nos ambientes de sociabilidade também é parte do que se procura compreender nesta pesquisa. Perceber que as relações afetivo / sexuais não se davam apenas entre sujeitos de faixas etárias iguais ou próximas foi premissa fundamental desde as minhas primeiras incursões a campo.
- 42 Alguns entrevistados são bastante categóricos quando o assunto é a idade e a beleza. Nas palavras de Omar (39 anos), a beleza é o determinante social para o estabelecimento de relações, principalmente de um público que se diz bastante exigente:
- Ramon:** Você acha que a idade influencia a ter um relacionamento?
Omar: Qual é o padrão que os gays procuram? Homens altos, malhados... Depois ele vai relacionar outros fatores... Se ele tem essas duas coisas, a idade não vai ser o determinante final, mas se ele é bonito, tem um corpo bem definido, pode até ter uma idade avançada... E aí, vai migrar outros fatores: se ele tem carro, se tem um salário e um poder aquisitivo bom; porque um gay novo, um gay de vinte anos, ele não vai querer se relacionar com alguém que não lhe dê estabilidade para sair, para curtir, a não ser que ele tenha estabilidade da família para poder estabelecer isso para o outro que ele vai ficar...
- 43 Até que ponto a fala de Omar ilustra a esta realidade? No contexto de Belém, idade e beleza se apresentariam quase como sinônimos, ou seja, ao falar que um gay é bonito, tende-se a associar beleza a jovialidade, a relação é tamanha que podemos exemplificar pelas seguintes frases: “Nossa! Ele é tão bonito! Também pudera, ele ainda é novo” / “Ele está em forma apesar da idade que tem”. Sobre este fator, Felício (28 anos) expõe considerações significativas:
- Ramon:** A questão da diferença de idade interfere nas aproximações?
Felício: Sim. Isso é um consenso de existe, tipo o gay tem preconceito com o próprio gay, o gay homofóbico, que não vai ficar com aquele cara porque ele tem aparência de velho, tem aparência de barroco, o meu segundo relacionamento, eu tinha dezenove e o meu namorado tinha sessenta e nove, e era muito estranho chegar em qualquer lugar com ele, e apesar da idade dele, ele era saradão, enxuto.
- 44 A compreensão dos termos êmicos “barrocas” e “new generation”, não está relacionada apenas ao caráter afetivo-sexual, bem como ao comportamento dos indivíduos nos ambientes: se costuma frequentar todos os finais de semana a Lux ou o Malícia, qual o tipo de música que gosta de ouvir. Para este contexto, ter a aparência de “barroco” e de

“new generation” me faz crer que estamos lidando com processos geracionais que carregam pesos distintos em nossa sociedade.

- 45 Compreendemos, desse modo, que o uso dos termos “bicha barroca” e “bicha new generation”, é uma forma de datar cronologicamente as relações: comportamentos de um público homossexual do início da década de 1980, seria o oposto ao comportamento de um público de homossexuais do início da década de 1990 e mais precisamente do início do século XXI.
- 46 Ao longo desta etnografia fica claro, ao entrarmos no universo das relações entre homens homossexuais na Lux e no Malícia, que estamos lidando com públicos que se diferenciam pelas vestimentas, maneiras de falar e de agir; de fato, são lugares que apresentam, muito mais, diferenças do que semelhanças. Lux e Malícia seriam para os ditos aprendizados de uma homosociabilidade, levando em consideração as diferenças de performance de gênero, de classe e etária / geracional.
- 47 A busca incessante por um parceiro ideal foi companheira nas noites de muitos gays que procuravam parceiros para ficar, namorar, transar, dar um beijo, enfim, ter algum contato íntimo. Movimentos de “agrupamentos” e “reagrupamentos” eram feitos dependendo do lugar, facilitando ou aproximando indivíduos e, quando, ao menos, um beijo acontecia, o sorriso se abria e a noite se completava.
- 48 As relações homoeróticas entre gays, nos espaços Lux e Malícia, deram o tom a esta pesquisa. Não obstante a presença de lésbicas, a predominância de gays é notória, por este motivo eles se tornaram protagonistas deste trabalho: “negros”, “brancos”, “pardos”, altos, baixos, magros, gordos, “pererecas”, “finos”, “barrocos”, “new generation”, “pintosos”, “monas ocó”, vários foram os tipos e discursos.
- 49 A feitura de uma antropologia urbana, em Belém, levou em consideração o entorno dos espaços e o trajeto dos indivíduos, procurando privilegiar os espaços intermediários, as movimentações cotidianas, compondo as significações do caminhar por meio de construções e reconstruções.
- 50 De fato, a lógica que vai se desenhando na cidade, especificamente em Belém, diz respeito a um trânsito homoerótico intenso por parte dos gays; os movimentos são, quase sempre, itinerantes e de *reterritorialização* (Perlongher, 2008 [1987]). A produção de sujeitos desejáveis, ou não, perpassa pelo cruzamento com os marcadores de gênero, classe e geração, ressaltando que ir de um lugar a outro, em busca de alguém ideal, foi sempre uma constante.
- 51 Portanto, Lux e Malícia apesar de estarem voltadas ao público GLS, dando uma ideia de aceitação e menor exclusão, nas relações que se formam são reafirmadas lógicas de inclusão / exclusão ; visibilidade / invisibilidade; a articulação delas no espaço dos bairros Reduto e Umarizal e da capital paraense confirma a situação de oposição entre “bichas finas” e “bichas pererecas”, “monas ocó” e “pintosas” e, “new generation” e “barrocas”, agregado-as e rejeitando-as, dependendo do que se pretende. Tais espaços articulam produções de subjetividades aproximando e / ou diferenciando as pessoas, além do uso de determinado objetos de maneira a objetificar visões de si mesmas (França, 2010).

BIBLIOGRAPHY

- BOURDIEU, Pierre. Gostos de classe e estilos de vida. In: ORTIZ, Renato (org.) *Pierre Bourdieu* - Coleção Grandes Cientistas Sociais 39. São Paulo: Ática, 1983;
- BRAH, Avtar. Diferença, diversidade e diferenciação. In: *Cadernos Pagu* (26), Campinas-SP, Núcleo de Estudos de Gênero - Pagu/Unicamp, 2006, p. 329-376;
- BRAZ, Camilo Albuquerque de. À meia-luz: uma etnografia imprópria em clubes de sexo masculinos. Tese (Doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Campinas, São Paulo, 2010;
- CARRARA, Sérgio L. Só os viris e discretos serão amados? In: *Jornal Folha de S. Paulo*, Caderno Mais, 19 de junho de 2005, p. 9;
- CARRARA, Sérgio L.; SIMÕES, Júlio Assis. Sexualidade, cultura e política: a trajetória da identidade homossexual masculina na antropologia brasileira. In: *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 28, p. 65-100, 2007;
- CORNEJO, Giancarlo. La guerra declarada contra el niño afeminado. In: *Anais eletrônicos do 9º Seminário Internacional Fazendo Gênero - Diásporas, Diversidades, Deslocamentos*, 23 a 26 de Agosto de 2010, Florianópolis, SC. Disponível em: <http://www.fazendogenero.ufsc.br/9/resources/anais/1278291734_ARQUIVO_giancarlocornejoFazendogenero.pdf>, acesso em 30 de abril de 2012. Tradução disponível em: <<http://www.ufscar.br/cis/2011/04/a-guerra-declarada-contra-o-menino-afeminado/>>, acesso em 30 de abril de 2012;
- FACCHINI, Regina. Entre Um e Outras: mulheres, (homo)sexualidades e diferenças na cidade de São Paulo. Tese (Doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Campinas, São Paulo, 2008;
- FRANÇA, Isadora Lins. Sobre “guetos” e “rótulos”: tensões no mercado GLS na cidade de São Paulo. In: *Cadernos Pagu* (28), Campinas, São Paulo, janeiro-junho de 2007, p. 227-255;
- _____. Consumindo lugares, consumindo nos lugares: homossexualidade, consumo e subjetividades na cidade de São Paulo. Tese (Doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Campinas, São Paulo, 2010;
- GEERTZ, Clifford. O pensamento como ato moral: Dimensões éticas do trabalho de campo antropológico nos países novos. In: _____. *Nova luz sobre a antropologia*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001;
- GUIMARÃES, Carmen Dora. *O homossexual visto por entendidos*. Rio de Janeiro: Garamond, 2004;
- MACRAE, Edward. Em defesa do gueto. In: GREEN, James N.; TRINDADE, Ronaldo (Orgs.); Participação José Fábio Barbosa da Silva. [et al.]. *Homossexualismo em São Paulo e outros escritos*. São Paulo: Editora UNESP, 2005 [1983], p. 291-308;
- OLIVEIRA, Leandro de. Gestos que Pesam: performance de gênero e práticas homossexuais em contexto de camadas populares. Rio de Janeiro: Dissertação de Mestrado em Saúde Coletiva - Instituto de Medicina Social (IMS / UERJ), 2006, 113f.;

- PAIVA, Antonio Crístian Saraiva. Reservados e invisíveis - o *ethos* íntimo das parcerias homoeróticas. Fortaleza: Programa de Pós-graduação em Sociologia da Universidade Federal do Ceará; Campinas: Pontes Editores, 2007a;
- _____. Reserva e invisibilidade: A construção da homoconjugalidade numa perspectiva micropolítica. In: GROSSI, Miriam Pillar; UZIEL, Ana Paula; MELLO, Luiz (Orgs.). Conjugalidades, parentalidades e identidades lésbicas, gays e travestis, Rio de Janeiro: Garamond, p. 23-46, 2007b;
- PERLONGHER, Nestor. O negócio do michê: a prostituição viril em São Paulo. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2ª Ed., 2008 [1987];
- _____. Territórios marginais. In: GREEN, James N.; TRINDADE, Ronaldo (Orgs.); Participação José Fábio Barbosa da Silva. [et al.]. Homossexualismo em São Paulo e outros escritos. São Paulo: Editora UNESP, 2005 [1983], p. 263-290;
- POLLAK, Michael. A homossexualidade masculina, ou: a felicidade do gueto? In: ARIÈS, Philippe; BÉJIN, André (Orgs.). Sexualidades Ocidentais: Contribuições para a história e para a sociologia da sexualidade, 2ª Ed. 1986, p. 54-76;
- RIBEIRO, Alan Augusto Moraes. “No meio e misturado”: o moreno como identificação de cor entre estudantes de uma escola pública. In: Conjectura, v. 15, n. 1, jan./abr. 2010, disponível em: <<http://www.uces.br/etc/revistas/index.php/conjectura/article/viewFile/183/174>>, acesso em 30 de abril de 2012;
- SEDGWICK, Eve Kosofsky. How to Bring Your Kids Up Gay. In: Fear of a Queer Planet: Queer Politics and Social Theory. Minneapolis & London: Warner, University of Minnesota, 2007 [1993]], p. 69-81;
- _____. A epistemologia do armário. In: Cadernos Pagu (28), Campinas, São Paulo, janeiro-junho de 2007, p. 19-54;
- SILVA FILHO, Milton Ribeiro da. De bajubá em bajubá, onde será que vai dar? Apropriações, classificações e relações de poder em Belém-PA. In: Anais eletrônicos do II Encontro da Sociedade Brasileira de Sociologia da Região Norte, GT-6 – Identidades, Sexualidades e Corporalidades: contextos tradicionais, fronteiras e deslocamentos, 13 a 15 de setembro de 2010 – Belém-PA; Disponível em: <<http://www.sbsnorte2010.ufpa.br/site/anais/ARQUIVOS/GT6-75-30-20100831235143.pdf>>, acesso em 10 de fevereiro de 2011;
- SIMÕES, Júlio Assis. Homossexualidade masculina e curso da vida: pensando idades e identidades sexuais. In: PISCITELLI, Adriana; GREGORI, Maria Filomena; CARRARA, Sérgio (Orgs.). Sexualidade e saberes: convenções e fronteiras, Rio de Janeiro: Garamond, 2004, p. 415-447;
- SIMÕES, Júlio Assis; FRANÇA, Isadora Lins. Do “gueto” ao mercado. In: GREEN, James N.; TRINDADE, Ronaldo (Orgs.); Participação José Fábio Barbosa da Silva. [et al.]. Homossexualismo em São Paulo e outros escritos. São Paulo: Editora UNESP, 2005, p. 309-336;
- SIMÕES, Júlio Assis; FRANÇA, Isadora Lins; MACEDO, Marcio. Jeitos de corpo: cor/raça, gênero, sexualidade e sociabilidade juvenil no centro de São Paulo. In: Cadernos Pagu (35), Campinas, São Paulo, julho-dezembro de 2010, p. 37-78;
- SOUSA, Rosana de Fátima Padilha de. Reduto de São José: história e memória de um bairro operário (1920-1940). Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Pará, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História Social da Amazônia, Belém, 2009;

VELHO, Gilberto. Observando o familiar. In: NUNES, Edson de Oliveira (Org.). A aventura sociológica: Objetividade, Paixão, Improviso e Método na Pesquisa Social. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978, p. 36-46;

APPENDIXES

Apêndice a – Perfil dos entrevistados

Entrevistados	Lugar	Idade	Escolaridade	Cor (auto-declarada)	Classe social (auto-declarada)	Situação conjugal	Orientação sexual (auto-declarada)
Valentim	Malícia	23	Superior Completo	Branca	Média baixa	Solteiro	Homossexual
Túlio	Malícia	23	Superior Completo	Branca	Média baixa	Namorando	Bissexual
Omar	Nenhum	39	Superior Completo	Negra	Média alta	Solteiro	Homossexual
Felício	Lux	28	Superior Completo	Moreno	Média	Namorando	Gay
Romeu	Lux	31	Ensino Médio Completo	Negra	Média baixa	Solteiro	Entendido
Giancarlo	Lux	20	Ensino Médio Completo	Parda	Média	Solteiro	Gay
Abner	Malícia	34	Superior Completo	Parda	Média emergente	Namorando	Gay
Demétrio	Lux	47	Ensino Médio Completo	Moreno pardo	Baixa	Solteiro	Homossexual
Helano	Malícia	25	Superior Completo	Moreno	Média baixa	Solteiro	Homossexual

Fonte: Pesquisa de campo – 2010/2011.

NOTES

1. Sobre a ideia brasileira de GLS ver FRANÇA (2007).

2. No período da pesquisa de campo (agosto de 2010 a agosto de 2011) o preço praticado pela Lux na sexta-feira era de R\$5,00 e no sábado R\$10,00 até 01h00 e R\$15,00 depois de 01h00. No Malícia, cobrava-se R\$10,00 na sexta-feira até 01h00 e R\$15,00 após 01h00, no sábado a taxa inicial era de R\$20,00 até 01h00 e R\$25,00 após 01h00.
3. Edward MacRae (2005 [1983]) já havia mencionado, na década de 1983, em seu estudo sobre a cidade de São Paulo que homens são muito mais visíveis e o seu gueto é bem maior, contando com numerosos bares, discotecas e saunas, enquanto as mulheres têm muito menos opções como pontos de encontro. Por um lado, a repressão sofrida pelas mulheres em geral leva as lésbicas (tanto quanto as heterossexuais) a saírem menos sozinhas, a serem mais tímidas quanto a manifestações abertas de sua sexualidade, são mais “enrustidas”, menos visíveis. Outro fator é puramente econômico: as mulheres ganham menos que os homens e, claro, constituem um mercado consumidor menos atraente. (*Ibid.*, p. 303). Guardadas as devidas dimensões estruturais entre São Paulo e Belém, no entanto, tais realidades podem se correlacionar ao verificarmos que assim como em São Paulo, as lésbicas em Belém, também, possuem poucas opções de entretenimento e lazer se compararmos aos espaços “para” os gays de Belém: as tais boates GLS em que o público predominante são os gays.
4. Cf. Sousa, 2009.
5. Esta expressão é constantemente utilizada pelos freqüentadores tanto da Lux quanto do Malícia, sejam eles gays mais femininos ou mais masculinos; a intenção é desvalorizar determinado sujeito por possuir, corporalmente, uma performance de gênero feminina (desmunhecar, andar rebolando, usar algum tipo de roupa ou acessório do vestuário feminino, falar fino, usar maquiagem, etc.).
6. O código ao qual me refiro diz respeito ao léxico gramatical dissidente utilizado pela comunidade LGBT, que é o *bajubá*. Dentro desta economia gramatical, Silva Filho (2010) percebe, em sua pesquisa sobre o *coming out* de jovens gays em Belém, que o *bajubá*, além de fazer uma mediação entre a identificação subjetiva e a identificação coletiva, ajudava a entender um pouco das relações de poder existentes entre LGBT's, pois as formas de apropriação e de classificação presentes neste léxico marginal são parte de uma “cosmologia”, de um conjunto de significados, de um conjunto de representações, e por que não dizer, de explicações dos preconceitos e discriminações por parte de quem fala, do sujeito falante, pois mesmo que, inadvertidamente, se aproprie de nichos dessa linguagem acaba levando consigo os traços das relações de poder emanadas pelo construto semântico.
7. Cf. VELHO, 1978.
8. Sobre uma discussão das dimensões éticas do trabalho de campo antropológico ver Geertz (2001).
9. Termo êmico que significa ladrão.
10. Termo êmico que significa escondido.
11. O “fica” nada mais é que uma relação fortuita que pode ser de uma noite ou de até duas semanas. Quando o “fica” extrapola o universo das boates, é sinal de que o casal está passando por um momento de análise de um futuro namorado em potencial, durante os encontros a dois ou na companhia de amigos o casal analisa um ao outro e verifica os defeitos, qualidades, afinidades, e ainda, o que os amigos acham daquela relação.
12. Fazendo analogia com a frase clássica de Pollak (1986): “Não se nasce homossexual, aprende-se a sê-lo”; a questão do aprendizado da homossexualidade pode ser alargado ao campo das diferentes maneiras de lidar com a intimidade homoerótica. A carreira homossexual começa pelo reconhecimento de desejos sexuais e específicos, pelo aprendizado dos lugares e dos modos de encontrar parceiros (*ibid.*, p. 58).
13. Para uma teorização sobre a diferença, ver BRAH (2006)
14. Ver MACRAE (2005 [1983]).

15. Procuo pensar o “gueto” como um “espaço público” onde se enfatiza a sua dimensão política e cultural, contrapondo-o a noção de um território limitado, ver SIMÕES e FRANÇA (2005). A brincadeira com o uso dos termos é para pensar que apesar de haver certa itinerância dos sujeitos entre lugares e entre busca de parceiros, o “gueto gay” em Belém ainda funciona, ao menos para gays mais novos (de 16 a 20 anos), como “constituente” do sujeito enquanto pertencente a uma “cultura da noite gay belemense”.

16. A ideia de etnografia da intimidade “diz respeito a uma circunscrição a margem de luz e de palavra que desenha o território no qual se articulam as parcerias homoeróticas, seus regimes de visibilidade e que possibilidades de enunciação é vista na tarefa de fazer a etnografia do ethos íntimo naquelas ligações afetivo-sexuais. Que tipo de economia de silêncio e palavra coordenam os afetos? Quais as possibilidades de expressão, de rostidade, socialmente disponíveis para esse tipo específico de amor e de estar juntos? Como alojar essas parcerias nos regimes de luz e palavra destinados a codificar nossas experiências de *convivência, amor e erotismo?*” (PAIVA, 2007a, p. 85).

17. Cf. Carrara, 2005.

18. “Gongue-os” da derivação de “gongar”, é um termo êmico que significa ridicularizar ou caçoar de alguém (SIMÕES, FRANÇA e MACEDO, nota de rodapé, 23, 2010, p. 53).

19. É digno de nota lembrar o trabalho de Camilo Albuquerque de Braz (2010) sobre os locais comerciais para encontros sexuais entre homens (clubes de sexo), em São Paulo. O autor mostra como a “desejabilidade” nas saunas se constrói não apenas pelo visual, assim como pelo modo de se comportar: ter uma postura mais sorrateira, manter discrição, não ser “desesperado”, não ser “efeminado”. Todas essas convenções implicavam valorização ou desvalorização para escolher o parceiro sexual.

20. No caso das relações estritamente sexuais, dentro ou fora das boates, ser homem significa ser ativo. “A categoria ‘homem’, nesse caso, abarcaria todos os indivíduos do sexo masculino que supostamente mantivessem posição ‘ativa’ em relações sexuais com mulheres ou homens, indiferentemente. Homens sexualmente ‘passivos’, tratados como ‘bichas’, ‘viados’ etc., seriam percebidos como uma espécie de híbridos, nos quais os atributos anatômicos se misturariam a características de gênero femininas (as famosas almas femininas em corpos masculinos)” (SIMÕES e CARRARA, 2007, p. 69-70).

21. Ver Bourdieu (1983).

ABSTRACTS

Procura-se compreender como se dá a dinâmica das relações homoeróticas entre gays em duas boates GLS de Belém: Lux e Malícia. Enquanto problemática, questiona-se se o fato de um gay frequentar algum desses lugares é relevante ou não, na busca por parceiros. Utilizam-se, para compor análises interseccionais, alguns recortes como gênero, classe e idade / geração, procurando entender de que modo influenciam nas escolhas, expectativas e trajetórias: dificultando, facilitando, limitando ou abrindo possibilidades ao estabelecimento de relações homoeróticas entre gays. A escolha dos entrevistados partiu do que chamei de “grau de variação sócio-cultural”: “negros”, “brancos”, de classes sociais distintas, velhos, novos, com performance de gênero masculina, com performance de gênero feminina; Entre outras palavras, a intenção foi abarcar a maior diversidade de pessoas: moradores de bairros centrais ou periféricos, que consumissem produtos distintos, com grau de escolaridade variado, que estivessem em diversas

fases da vida. À guisa de finalizações, o que se pode perceber é a não-dicotomização – ficar ou namorar? – por meio das interações nos espaços supracitados; por maior que seja o interesse em estabelecer vínculos maiores de afeto, sexo etc. Contudo, existem outros pontos de destaque: encontrar amigos, participar de festas temáticas, diversão, música, ambiente, pessoas etc.

This work aims at understanding the dynamics of the relations between gays in two clubs GLS of Belém: Lux and Malícia. As a problematic, it is questioned whether the fact of a gay attending some of these places is relevant, or not, in search for partners. Some frameworks were used to compose intersectional analyses, to know: gender, social class and age / generation, looking to understand in which ways that influences in the choices, expectations and interactions: making it difficult, facilitating, limiting or opening possibilities to the establishment of relationships between gays. The choice of interviewed ones departed from what I called degree of partner's cultural variation: "afro-descendants", "caucasians", of distinct social classes, oldsters, youngsters, with masculine gender performance, or feminine gender performance. In other words, the intention was to open the study to a larger diversity of people: inhabitants of central or peripherals neighborhoods that consumed distinct, with varied degree of education, which was in diverse stages of the life. As finishing, it was noticed the non-dichotomization – to have a casual encounter or a mentioned spaces; though, greater was the interest in establishing bigger bonds of affection, sex and so on. However, other points were prominent: finding friends, participating of thematic parties, diversion, music, environment, people, etc.

INDEX

Keywords: clubs GLS, gays, homoerotics relationships

Palavras-chave: boates GLS, relações homoeróticas

AUTHOR

RAMON PEREIRA DOS REIS

Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade de São

Paulo. E-mail: ramonreis@usp.br